

Torcedor versus Jornalista: a Cobertura Jornalística do Futebol Paraibano na Era das Tribos Modernas¹

Phelipe Caldas Pontes CARVALHO²

RESUMO

O presente trabalho se baseia nos estudos do sociólogo Michel Maffesoli sobre a formação de tribos modernas nas sociedades de massa, para tentar compreender como os torcedores de futebol de uma mesma cidade se aglutinam em prol de interesses e paixões comuns. E como isto se choca com o fazer jornalístico, com a apuração da notícia, com a almejada busca pela verdade. Torcedor e jornalista têm relações muitas vezes conflitantes. Porque o primeiro, dentro de sua visão passional do grupo social em que está inserido, não consegue entender como o jornalista, por vezes, publica reportagens que vão de encontro aos interesses deste mesmo grupo social.

PALAVRAS-CHAVE: futebol; jornalismo; torcida; tribos modernas.

INTRODUÇÃO

Poucas relações humanas e sociais, poucas interações afetivas, poucas paixões – platônicas ou não - do mundo moderno são tão complexas como a devoção do torcedor de futebol com seu clube do coração. Em primeiro lugar, este não é jamais um sentimento meramente racional. Muito pelo contrário, é repleto de passionalidade, de afetividade e fervor. A ponto de haver um sentimento coletivo entre torcedores de um mesmo clube de que este deve ser obrigatoriamente respeitado, jamais criticado.

Porque a relação do torcedor com o seu clube não é pouca coisa. O torcedor é, acima de tudo, um devoto. Um homem de fé. E o seu clube é a sua religião. Talvez até mais sagrado do que o próprio futebol, o motivador maior para que todos os clubes mundo afora existam. Ou ao menos invistam fortunas em prol da modalidade.

Em paralelo a isto, existe o jornalista. As redações jornalísticas país afora. Em que muitos veem o esporte como entretenimento, mas que ainda assim não deixa de ser jornalismo, com todas as implicações éticas que isto ocasiona.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de junho de 2015.

² Bacharel em Comunicação Social, graduação em Jornalismo, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), email: pontescarvalho@gmail.com.

E diante disto, vem a questão: afinal, qual o papel do jornalista? É promover o espetáculo, o “time da casa”, ou buscar a almejada “verdade jornalística”? Até que ponto uma boa relação com o consumidor de notícias (leitor, internauta, telespectador, ouvinte, etc.) é essencial? Ou, se preferir, até que ponto esta boa relação é mais importante do que o compromisso ético de se apurar os fatos, independente de eventuais interesses?

Este trabalho, fruto de pesquisa ainda em fase inicial, tem como objetivo principal discutir a paixão pelo futebol e, a partir do conceito de “tribos” proposto por Maffesoli (1998), analisar como esta paixão pode afetar os cotidianos das redações. Para contextualizar as reflexões teóricas, foram realizados dois estudos de casos vivenciados pela equipe de jornalismo do GloboEsporte.com/pb (portal de notícias esportivas com sede em João Pessoa, na Paraíba, em que o autor do artigo trabalha como editor) para tentar demonstrar como esta relação jornalista/torcedor é tensa.

Tal tensão guarda relação com um sentimento coletivo instituído de que apenas o próprio torcedor pode criticar o seu clube do coração. Que os debates sobre este clube não devem nunca avançar para além dos “limites” da torcida. Quando a fase é boa, então, a tolerância é ainda menor, com o fã vigilante para identificar, apontar e “detonar” qualquer reportagem interpretada como sendo “negativa”. Algo que, com a internet e as redes sociais, tornou-se mais abrangente.

No presente trabalho, as análises serão realizadas a partir das seguintes hipóteses. A “ira” do torcedor é propagada principalmente em comentários nas próprias reportagens e nas redes sociais, sempre que os “interesses” do torcedor são contrariados. O jornalista é acusado de “torcer contra”, de querer o mal do futebol local, de preferir os “clubes de fora” em detrimento daqueles de sua própria terra. O torcedor cobra empenho do jornalista em promover o esporte local, sente-se traído pelo fato de certa notícia, negativa, não ter sido omitida. Ainda que não questione uma única linha do que foi escrito na reportagem. A “verdade” não está sendo questionada. O que se questiona é a necessidade do jornalista difundi-la quando os interesses esportivos da agremiação estão em jogo.

É importante deixar claro que o estudo demandará mais aprofundamento e novas análises no âmbito acadêmico. O tema é amplo, por vezes polêmico, e está longe de uma solução. E muito por isto não se almeja nenhuma conclusão definitiva, mas alguns apontamentos relevantes e uma problematização bem fundamentada sobre a vivência

jornalística do profissional que lida com o futebol e mais precisamente com este “efeito colateral” que por vezes se torna o torcedor e suas reações.

QUEM É E O QUE REPRESENTA O TORCEDOR DE FUTEBOL

Imagine-se um clube de futebol. Representante de uma cidade, ainda que nem todos os habitantes desta cidade gostem de futebol. Mas naquele momento, pelo contexto, pelas peculiaridades, pelo momento crucial que o clube vivia, o clube ganhava sim contornos de símbolo maior de toda a cidade. E mesmo aquele que não gostava de futebol, estava cada vez mais aberto ao esporte, observando, torcendo ainda que de longe e esperando que o tal clube, a tal cidade, lograsse êxito. Os torcedores, portanto, eram em geral os próprios nativos da tal cidade (ainda que subdivididos em torcedores fanáticos e torcedores de ocasião).

Os dois casos que este artigo pretende discutir podem ser resumidos por este parágrafo acima, ainda que sejam dois clubes de duas cidades diferentes vivendo momentos completamente opostos em suas respectivas histórias. O primeiro dos casos envolve o Botafogo Futebol Clube, de João Pessoa, nas vésperas de conquistar um título nacional. O segundo envolve o Santa Cruz Recreativo Esporte Clube, do município de Santa Rita, que vivia uma de suas piores crises e corria o risco de ser rebaixado do Campeonato Paraibano de Futebol (os dois casos serão aprofundados mais à frente).

Em comum, além do fato de ambos serem clubes paraibanos, o fato de terem sido “confrontados” com reportagens ditas negativas em meio a estes momentos tão especiais (sejam eles bons ou ruins), justo numa época em que as respectivas cidades os abraçavam como símbolos de uma terra.

E é neste momento que surge o cerne central a ser analisado no presente artigo. Afinal, em cenários como estes, onde está inserido o jornalista (e o jornalismo) local? Como o jornalista, por exemplo, da mesma João Pessoa mobilizada em prol do Botafogo-PB, se posiciona como profissional? Ele adere aos anseios populares e aos interesses do seu próprio leitor, ou se mantém fiel aos preceitos éticos da profissão?

Inicialmente, é importante apresentar quem são e o que representam estes torcedores quando reunidos em grupo. E isto pode ser feito a partir de algumas observações do sociólogo francês Michel Maffesoli sobre o surgimento de “tribos modernas” a partir da necessidade crescente de vínculos sociais (*ethos*) entre pessoas que eventualmente possuem interesses comuns. Isto pode ajudar a entender o que move

o torcedor a se posicionar de forma tão emocional com relação ao seu clube do coração. Senão, veja o que diz Maffesoli (1998, p. 56) ao comparar os ajuntamentos sociais com a religião (é necessário lembrar que “religião”, neste contexto, é mais do que nunca usado no estrito sentido etimológico da palavra, que vem do latim *re-ligare*, ou religação):

Entendendo a palavra tal como é empregada para designar aquilo que nos une a uma comunidade. Trata-se menos de um conteúdo, que é da ordem da fé, do que de um continente, quer dizer, de algo que é matriz comum, que serve de suporte para “o ser/estar junto”.

Maffesoli vai além. E ainda na busca de explicar os grupos sociais como “religações”, ele toma emprestado os termos “tipo-igreja” e “tipo-seita”, do também sociólogo Ernst Troeltsch, para se aprofundar no tema. Como o primeiro estaria mais ligado a uma estrutura hierárquica rígida, e como o nome já diz mais adequadas a instituições como a igreja, ao Estado, etc., Maffesoli (Ibid., p. 118, grifo do autor) se atém mais à segunda:

A seita é, antes de tudo, uma *comunidade local* que se vê como tal, e que não tem necessidade de uma organização institucional visível. Para esta comunidade basta o sentimento de que ele faz parte da comunhão invisível dos crentes. [...] o “tipo seita” torna cada um responsável por todos e por cada um.

O autor francês não fala especificamente sobre o futebol, mas a reunião de torcedores em torno da paixão comum por um mesmo clube sem dúvida alguma se encaixa no conceito de “vínculos sociais” que é a base do pensamento dele. E isto pode ser conferido a partir do que diz alguns estudiosos sobre o futebol, que reiterada e enfaticamente veem tal modalidade esportiva como um “fator social”, algo que mexe com a sociedade de forma coletiva.

Helal (2011, p. 69), por exemplo, se refere ao futebol como sendo “uma das manifestações culturais mais expressivas da sociedade brasileira. Por meio desse esporte, experimentamos um sentido singular de totalidade, revestindo-se de uma universalidade capaz de mobilizar e gerar paixões em milhões de pessoas”. Numa linha parecida, Da Matta (1994, p. 16) qualifica o futebol como algo “jogado em equipe, o que permite retomar no nível simbólico a ideia de uma coletividade exclusiva, como de

uma casa ou família. Coletividade com a qual se tem relações insubstituíveis de simpatia, ‘sangue’ (ou ‘raça’) e amor”.

Ambos os autores, como se vê, ainda que estudando ou analisando outros aspectos do futebol, dão claras demonstrações de que este está sim inserido no conceito de coletividade, declínio do individualismo e formação de tribos cotidianas defendidas por Maffesoli. Ademais, uma leitura de Souza (2008, p.29) pode mostrar que o futebol como aglutinador das massas não é nem mesmo um fenômeno recente, exclusivamente moderno. Ao se referir à final do Campeonato Sul-Americano de 1919 (disputado no Brasil), ele diz que “o estádio lotou e inúmeras pessoas tiveram que se acomodar nos morros próximos, onde conseguiam ter uma boa visão, ou em frente das redações de jornais, onde esperavam as notícias”³.

É possível afirmar, com os recortes acima, que o futebol é sim um aglutinador de corações, por assim dizer. Mas ainda assim este artigo se permite sair um pouco do referencial acadêmico e recorrer a Andrew Jennings, o jornalista britânico que se notabilizou por denunciar os mais graves casos de corrupção na Fifa, a entidade que rege o futebol mundial. Pois ele justifica seu trabalho de investigação não como algo contra o futebol, mas justamente por ver este como “parte da nossa cultura, do cimento social que mantém a coesão da sociedade” (JENNINGS, 2011, p. 11).

OS CASOS DA PARAÍBA E O CONFLITO COM O JORNALISMO

Explicado o perfil do torcedor nos dias atuais, na perspectiva de agrupamentos coletivos com interesses comuns, o próximo passo é analisar de forma mais aprofundada os casos específicos registrados na Paraíba, que já foram rapidamente citados anteriormente, mas que agora serão mais bem contextualizados. A ideia aqui, como já foi dito, é tentar entender, à luz da academia, em que momento esta “tribo torcida” se choca com a obrigação jornalística de noticiar os fatos.

O primeiro dos casos aqui expostos é o do Botafogo Futebol Clube, de João Pessoa (a capital do Estado), homônimo do xará carioca e maior campeão paraibano da história, com 27 títulos estaduais. Há muito afastado das grandes competições, o clube tinha em 2013 pouca expressão nacional. E tinha deixado de ser a principal referência

³ O autor aponta que o estádio em questão era o das Laranjeiras, no Rio de Janeiro, “com surpreendentes dezoito mil lugares”. Ainda segundo o autor, os críticos da época diziam antes do campeonato que esta capacidade máxima jamais seria atingida.

da Paraíba quando se falava em futebol além de suas divisas, posto este que paulatinamente foi sendo herdado pelas equipes de Campina Grande (segunda maior cidade paraibana), o Treze e o Campinense.

Naquele ano, o Belo, como a equipe é conhecida por seus torcedores, completava dez anos de jejum de títulos estaduais, e não era protagonista de uma competição nacional há mais de 25 anos (desde a década de 1980 o time não se destacava em competições interestaduais). E neste período, o clube ficou mais conhecido pelas suas “desgraças”, como a derrota que sofreu por 10 a 0 para o São Paulo na Copa do Brasil de 2001⁴.

O ano de 2013, no entanto, seria o da redenção botafoguense. O clube pessoense minimizou algumas crises políticas internas que existiam, conseguiu unir situacionistas e oposicionistas e estes, juntos, contrataram um elenco realmente competitivo. O primeiro semestre foi marcado pelo fim do jejum, quando a equipe foi campeã paraibana de 2013.

Mas a grande conquista, e a grande meta, ainda estavam por vir. Fora do futebol nacional há anos, a equipe era chamada pelos rivais de “fora de série”, numa ironia crítica em alusão ao fato do clube não participar há anos de nenhuma das divisões do Campeonato Brasileiro. O título estadual, contudo, dava ao Belo a oportunidade de jogar a Série D (cujas vagas são definidas a partir das competições estaduais) e era objetivo principal do clube conquistar o acesso para a Série C.

O Botafogo da Paraíba de fato conseguiu alcançar seu objetivo. Classificou-se em primeiro lugar de seu grupo na primeira fase, eliminou o Central de Caruaru nas oitavas de final e foi para o jogo do acesso contra o Tiradentes-CE, nas quartas de final, já que os quatro times classificados para as semifinais garantiriam vaga na Série C do ano seguinte. O Botafogo se classificou após duas vitórias (2 a 1 em casa e depois 1 a 0 fora de casa) e, uma vez na Série C, quis chegar ainda mais longe. Prometeu à torcida o título nacional, que seria o primeiro de um clube paraibano a ser reconhecido pela Confederação Brasileira de Futebol⁵.

Após eliminar o Salgueiro nas semifinais, a grande final foi contra o Juventude. A primeira partida foi realizada no dia 27 de outubro de 2013, em Porto Alegre, na

⁴ O jogo, realizado no dia 28 de março de 2001, no Estádio do Morumbi, em São Paulo, era válido pela “partida de volta” da primeira fase da Copa do Brasil daquele ano. E é até hoje a segunda maior goleada da história da competição nacional, perdendo apenas para Atlético-MG 11 x 0 Caiçara-PI, em 28 de fevereiro de 1991.

⁵ O paraibano Treze, junto a Central, Criciúma e Internacional de Limeira, requerem para si o título de campeões da Série B do Brasileiro de 1986, mas a CBF nunca os reconheceu como tal.

Arena Grêmio, com vitória por 2 a 1 para a equipe gaúcha. O jogo decisivo, em João Pessoa, num Estádio José Américo de Almeida Filho lotado, aconteceu no dia 3 de novembro, um domingo, em que o Belo venceria por 2 a 0 e se sagraria campeão.

Quatro dias antes do derradeiro jogo, no entanto, o Botafogo treinava no local da final, com grande interesse da mídia paraibana, quando o presidente do clube à época, Nelson Lira, chegou ao local com a taça de campeão brasileiro da Série D. E a colocou para exposição à beira do campo, a poucos metros de onde o time treinava. Taça esta que, obviamente, ainda estava em disputa. E que naquele momento não poderia estar nas mãos de ninguém dos dois clubes.

A equipe do GloboEsporte.com/pb foi a única dentre tantas presentes que questionou a legalidade do ato. Que telefonou para a Confederação Brasileira de Futebol para se inteirar sobre se existia alguma programação de exibição pública do troféu, e se o Botafogo-PB estava autorizado a exibi-lo à beira do campo, durante o treino de sua equipe.

A resposta foi negativa. O então diretor de competições da Confederação Brasileira de Futebol, Virgílio Elísio, explicou que a taça fora enviada para ficar até o dia do jogo sob a proteção da Federação Paraibana de Futebol, e que nenhum dos dois clubes finalistas tinha autorização para sequer manuseá-la. Ele ficou indignado, chamou o ato do clube paraibano de “deselegante com o adversário”, e mais tarde o portal publicaria que “Presidente do Botafogo-PB leva taça da Série D para treino e irrita a CBF”⁶.

Não chega a ser novidade, mas a grita foi imediata e violenta. O autor deste artigo foi um dos três jornalistas que participaram do trabalho de apuração, que rapidamente ganhou repercussão nacional. Ainda antes de publicar a matéria, toda a equipe estava ciente dos desdobramentos que aquilo provocaria. Na confusão que geraria. Mas foi decidido que era obrigação jornalística da equipe publicar a reportagem, a partir da certeza de que o papel naquele momento era acima de tudo o de bem informar.

O sentimento do torcedor botafoguense, ao menos dentre os mais fanáticos, imediatamente foi o de que o GloboEsporte.com/pb “torcia contra o futebol da Paraíba”, que não se esforçava em “promover” os clubes da terra nem mesmo no momento mais

⁶ CALDAS, Phelipe; VIEIRA, Cadu; GRAY, Richardson. Presidente do Botafogo-PB leva taça da Série D para treino e irrita a CBF. GloboEsporte.com/pb, João Pessoa, 30 out. 2013. Disponível em: <<http://glo.bo/19Tr9JF>>. Acesso em: 12 mai. 2015.

importante da história de um deles. Rapidamente, houve críticas, xingamentos e ataques contra o portal e contra seus profissionais.

Na sessão de comentários da reportagem, foram publicadas 135 mensagens. A maioria de torcedores dos dois clubes se provocando mutuamente. Mas algumas tinham a reportagem, seus autores e o próprio portal como alvos. Entre as mais agressivas, foram usadas expressões como: “matéria lixo” e “portalzinho para gostar de fazer inferno com o Belo”. Outras não chegavam a citar nominalmente o portal, mas faziam referências veladas aos “falsos botafoguenses” e aos “invejosos e maus paraibanos que são contra o futebol paraibano”. Uma última mensagem tinha tom de lamento e indignação: “é incrível o que os inimigos de nosso Botafogo são capazes de fazer”.

Já pelo Twitter, um dos torcedores classificou a cobertura do caso como sendo um “lixo”. E em tom irônico parabenizava o portal por “incitar a rivalidade e motivar o adversário”⁷. Outro botafoguense disse que a matéria iria “dar motivação extra pro Juventude” e chegava a questionar se “não seria possível apagar aquilo?”, lembrando que a tal matéria já estaria “em destaque no GE nacional”⁸.

Neste momento, o torcedor, ainda que de forma inconsciente, ainda que movido exclusivamente pela paixão, ainda que sem perceber as implicações que a omissão ou a retirada do ar de uma reportagem provocaria nas questões éticas do jornalismo, já claramente inclui o portal de notícias como pertencente ao grupo social, à “tribo” e/ou ao “tipo-seita” que são formados pelos torcedores do Botafogo da Paraíba.

Na perspectiva do torcedor, o jornalista deveria relativizar ou mesmo omitir a verdade, que nas palavras de Cornu (1998, p. 64) é “a primeira das obrigações morais do jornalista”; em nome de uma pretensa proteção dos interesses do “clube da terra”.

É como se o repórter ou mesmo o meio de comunicação (este de forma institucional), apenas por ser de uma dada cidade, fosse visto automaticamente como parte integrante da comunidade local de torcedores. E que a defesa desta é imperativa por todos os seus membros.

O jornalista não seria visto como um elemento independente em sua prática profissional, mas parte inerente da “tribo”, da “seita” criada a partir da paixão comum

⁷ LINS, Diogo. “@PhCaldas mais um lixo que temos que digerir. Parabéns por incitar a rivalidade e motivar o adversário. A PB agradece!”. 30 out. 2013. Twitter: @diogoln. Disponível em: <<https://twitter.com/diogoln/status/395706312560234496>>. Acesso em: 23 mai. 2015.

⁸ VIEIRA, Gabriel. “@PhCaldas a noticia da taca vai dar motivação extra pro juventude, seria possível apagar aquilo? ja ta em destaque no ge nacional”. 30 out. 2013. Twitter: @gcmav. Disponível em: <<https://twitter.com/gcmav/status/395705007007604736>>. Acesso em: 23 mai. 2015.

de torcedores de uma cidade pelo clube de futebol dessa mesma cidade. O jornalista passaria a ser, ao menos na visão passionista do torcedor, parte interessada no sucesso do clube, no momento em que ambos integram o mesmo “objeto cidade” (neste caso João Pessoa), descrito como “uma sucessão de territórios onde as pessoas, de maneira mais ou menos efêmera, se enraízam, se retraem, buscam abrigo e segurança” (MAFFESOLI, 1998, p. 194).

De forma ainda mais específica, ao jornalista seria cobrado também uma postura mais passionista, mais torcedora do ponto de vista clubístico (ao menos sempre que o time da terra enfrentar um rival de fora, como era o caso da final da Série D do Campeonato Brasileiro de 2013). Porque a “aldeia” também “pode ser um território simbólico, qualquer que seja a sua ordem, mas que nem por isso é menos real” (Id., Ibid., p. 194).

Mais uma vez recorrendo a Michel Maffesoli, desta vez mais amíuá ao conceito do que ele chama de “a lei do segredo”, é até possível entender o motivador de tanta ira por parte do torcedor. Mesmo que, como já foi exposto, a visão do torcedor seja incompleta, por considerar apenas sua paixão e não os compromissos éticos que o profissional de jornalismo assume quando começa a exercer suas atividades. Torcedor que não entende, apenas para citar a visão mais clássica do jornalismo, que “a reportagem precisa da verdade factual para existir como gênero jornalístico” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 123).

Pois Maffesoli (1998, 128) vê o segredo dentro das tribos modernas como um “mecanismo de proteção frente ao exterior” e como um “modo de fortalecer o grupo”. Maffesoli (Ibid, p. 129) prossegue: “cada vez que se deseja instaurar, restaurar, corrigir uma ordem de coisas, ou uma comunidade, toma-se por base o segredo que reforça e confirma a solidariedade fundamental”. E completa (Ibid., pp. 129-130, grifo do autor):

Dos assuntos da família, portanto, não se fala. [...] estamos em presença de uma “*collective privacy*”, de uma lei não escrita, de um código de honra, de uma moral clânica que de maneira quase-intencional se protege contra o que é exterior e superimposto.

Ora, se o torcedor, errado ou não, vê o jornalista como parte de sua tribo, como parte integrante da torcida, como defensor dos interesses comuns do clube pertencente à cidade que ambos são naturais e moradores, como entender a quebra deste pacto de

silêncio? O torcedor se vê traído, ofendido, maculado na lei sagrada de, apenas para reforçar as palavras do sociólogo supracitado, todos se protegerem mutuamente frente ao exterior.

Ainda considerando a visão limitada do torcedor no que diz respeito à atuação do jornalista, foi exatamente o que aconteceu naquele dia, 30 de outubro de 2013, quando a taça foi exposta por um presidente de clube exclusivamente para jornalistas, torcedores e jogadores da própria cidade. Até ali, o conhecimento sobre o fato era restrito à “tribo” de torcedores do Botafogo-PB, e por mais que o ato em si fosse de um absurdo impensado, fora cometido em prol do clube da terra. E na visão cúmplice do torcedor para com seu clube, ele esperava que todos ali mantivessem o suposto compromisso de não expor “assuntos da família” para fora desta mesma família.

Nem precisa dizer, contudo, que jornalista, torcedor e dirigente de futebol, ainda que originários de uma mesma cidade, não poderiam jamais fazer parte de uma mesma tribo ou família, porque cada um é regido por interesses ou compromissos diversos que cedo ou tarde podem se tornar conflitantes. Ao jornalista não caberia a proteção da informação em prol do clube de sua cidade, mas tão somente a apuração criteriosa dos fatos para posterior publicação.

Finalizado a análise do primeiro caso, eis o seguinte, mais recente, e com características mais particulares. O Santa Cruz, do município de Santa Rita, é um clube de futebol que em 1995 e 1996 foi bicampeão paraibano da primeira divisão, mas que depois entrou em decadência até encerrar suas atividades profissionais após o Campeonato Paraibano de 2002. O clube só voltaria ao futebol profissional em 2009, jogando a segunda divisão, mas nunca mais seria protagonista. Permaneceu na segunda divisão por alguns anos, acumulando revezes, e só conseguiu o acesso de volta à elite estadual em 2013, após o vice-campeonato da divisão de acesso daquele ano.

Reestrearia no principal campeonato de futebol da Paraíba no ano seguinte, em 2014, e brigou para não ser rebaixado até a penúltima rodada, quando conseguiu evitar o descenso. Em 2015, mais uma disputa, e mais uma vez a briga foi para não cair para a segunda divisão (desta vez, a “salvação” só aconteceria na última rodada, após uma combinação de resultados que lhe beneficiaria). O clube tinha contratado Mirandinha para ser o técnico, um ex-jogador de futebol que como atleta tinha vivido tempos de glória no Corinthians. Atacante e artilheiro que chegou a ser campeão brasileiro pela equipe paulista em 1998.

Nem toda a experiência de Mirandinha, contudo, evitou que o clube passasse por momentos difíceis na temporada. E o problema estava na falta de estrutura e de dinheiro dos dirigentes do Santa Cruz. O time chegou à penúltima rodada do Campeonato Paraibano disputando ponto a ponto com o Lucena qual clube seria rebaixado e qual clube permaneceria na primeira divisão do ano seguinte. E justo naquela rodada os dois se enfrentavam num confronto direto contra o rebaixamento. O jogo era no Estádio Municipal Virgílio Veloso Borges, o Teixeira, a casa do Santa Cruz (o empate em 1 a 1 acabaria por adiar para a última rodada a definição sobre o rebaixamento).

A reportagem do GloboEsporte.com/pb compareceu ao jogo, que aconteceu no dia 5 de maio de 2015. A pauta? Apresentar como um nome nacional como Mirandinha, campeão brasileiro como jogador, lidava com a vida de técnico de um time pequeno e em crise da Paraíba, que inclusive brigava contra o rebaixamento. A ideia era confrontar as duas realidades e tentar demonstrar como um mesmo futebol brasileiro poderia apresentar dois lados tão distintos.

O que se apurou durante o jogo, contudo, foi uma realidade ainda mais dura do que se supunha inicialmente. Já se sabia, por exemplo, que o clube não pagava salários há alguns meses. Mas a partir de depoimentos do técnico e de alguns jogadores, descobriu-se que, sem dinheiro, o clube tinha dificuldades inclusive para fornecer alimentação e medicação adequadas para os jogadores de seu elenco. Um problema que provocava a saída regular de jogadores do time no meio do campeonato e um crescente número de jogadores contundidos (e indignados).

No dia seguinte ao jogo, o portal publicava a reportagem especial: “Mirandinha técnico na Paraíba: após a glória no Timão, o submundo da bola”⁹. E tentando chamar a atenção para as realidades distintas do passado e do presente, a chamada de capa no portal, que levava para a matéria, tinha o seguinte destaque: “Do luxo ao lixo”. Esta mesma chamada foi reproduzida pela equipe de mídias sociais no perfil da TV Cabo Branco (afiliada da TV Globo na Paraíba) no Facebook¹⁰, o que gerou uma imediata e violenta reação dos torcedores de Santa Rita (diante da polêmica, a equipe de mídias sociais da TV Cabo Branco preferiu editar a publicação, omitir a chamada que provocou

⁹ CALDAS, Phelipe. Mirandinha técnico na Paraíba: após a glória no Timão, o submundo da bola. GloboEsporte.com/pb, João Pessoa, 6 mai. 2015. Disponível em: <http://glo.bo/1Jr8Xrf?utm_source=link&utm_medium=share-bar-desktop&utm_campaign=share-bar>. Acesso em: 23 mai. 2015.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.facebook.com/tvcabobranco/posts/925559297464228>>. Acesso em: 23 mai. 2015.

a ira coletiva e postar entre os comentários uma explicação institucional sobre o caso, reafirmando que a matéria alertava para os problemas do clube de Santa Rita, sem, no entanto, ter a intenção de ofender a cidade ou o seu povo).

É importante registrar que a “chamada de capa” é algo independente da matéria, e esta em nenhum momento chamava o Santa Cruz ou o município de Santa Rita de “lixo”. O termo “lixo”, aliás, não foi usado em nenhum momento da reportagem, de forma que o termo aparecia exclusivamente na “capa do portal”, numa espécie de trocadilho e oposição ao termo “luxo”, com o objetivo de chamar atenção às diferenças de realidade. Tanto do técnico, que já fora campeão brasileiro; como do clube, que já fora bicampeão paraibano. E que, no entanto, ambos estavam naquele momento lidando com falta de comida e de medicamento para jogadores profissionais.

O entendimento foi diferente. A população de Santa Rita, por ser bem menor do que a de João Pessoa, por exemplo, costuma abraçar o time da casa de forma até mais unânime. Porque quando o assunto é futebol, o clube passa a ser a própria cidade. Numa projeção quase perfeita do conceito de “objeto cidade” de Maffesoli, já apontado neste artigo. E viu o termo “lixo” não como um alerta para os graves problemas que aconteciam nos bastidores do Santa Cruz, mas como uma agressão e um desrespeito a si própria. Ao clube. À cidade.

Ainda que do ponto de vista estritamente jornalístico a “chamada de capa” cumprisse seu papel de apresentar uma realidade crua do clube em questão, pode-se até discutir se o termo “lixo” foi adequado, uma vez que acabou por desviar o foco da reportagem para uma espécie de “conflito diplomático” entre população e empresa jornalística. Mas mesmo que se faça esta ponderação, a reação da torcida diante do caso também serve como indício de que naquele momento os torcedores há muito já estavam aglutinados dentro do conceito de “tribos modernas” e, logo, indignados com a suposta quebra da “lei do segredo”, tal como no caso anterior.

Porque mais uma vez a pretensa “verdade jornalística” foi deixada de lado. Os torcedores não discutiram em nenhum momento a situação precária ao extremo do clube, em que, como já dito, faltava até mesmo comida e remédio. Ao contrário, o debate girou novamente em torno de como um “fazer jornalismo da própria Paraíba” era capaz de criticar um clube do Estado, ao invés de adotar uma postura de promoção e defesa dos tais clubes da terra. O conflito aí novamente existe. O que para o torcedor é “promoção e defesa” pode ser entendido, sob a ótica do jornalismo, como sendo omissão e/ou conivência.

A postagem no Facebook, que teve o poder de potencializar a polêmica, recebeu mais de 200 comentários, quase todos agressivos. Pouquíssimos fizeram qualquer referência às condições subumanas que os jogadores enfrentavam no Santa Cruz, mas muitos questionavam por que o portal não preferia uma reportagem que enaltecisse o “passado de glória” do clube em questão. Outro detalhe: a reportagem teve pouco mais de dois mil acessos (número bem abaixo da média do portal), o que faz pensar que muitas das críticas foram feitas no calor da raiva provocada pelo termo eventualmente inadequado, sem que antes tivessem de fato lido a reportagem. Os poucos comentários postados dentro da reportagem (apenas oito), por sinal, ajudam a evidenciar que aparentemente as críticas foram feitas sem que o conteúdo da matéria fosse lido. Pelo menos quatro dos comentários criticavam explicitamente o fato do texto da matéria ter chamado o Santa Cruz (ou a cidade de Santa Rita) de “lixo”, ainda que, como já dito, o texto em nenhum momento tenha usado tal termo.

Helal e Gestaldo (2012, pp. 153-154), ao falarem sobre a rivalidade dentro do futebol, tocam num ponto que talvez, num esforço de tentar entender o fenômeno ocorrido em Santa Rita, pode colaborar com o debate. Eles dizem:

Vincular-se a um “time do coração” é, no Brasil, uma escolha importante, frequentemente mediada por relações familiares – particularmente, sob um viés de patrilinearidade –, e que inscreve o torcedor em um complexo sistema de classificações, que estabelece aliados e adversários instantaneamente, articulando lógicas identitárias em âmbito local, regional, nacional e internacional.

Junte-se todos os conceitos de Maffesoli e some a eles a análise acima. Use-os juntos para entender a tensa relação entre o torcedor fanático e o jornalista ciente de seu compromisso com a informação. Talvez, de fato estes dois personagens (jornalista e torcedor) se apresentem inseridos na relação de “aliados e adversários”.

Ainda que o jornalista no exercício de sua profissão não seja (ou não deveria ser) movido por paixões clubísticas, o que teoricamente lhe excluiria do conceito de “rivalidade” analisada por Helal e Gestaldo, a simples publicização de notícias que desagradem o torcedor o torna imediatamente como integrante do outro lado, da outra tribo, de quem torce contra. E se o jornalista não é aliado, ele é, na visão passional do torcedor, automaticamente um adversário. Na visão do torcedor, não há imparcialidades ou terceiras vias que justifiquem a atuação jornalística. É o sim ou o não. O certo ou o errado. O aliado ou o adversário. A promoção leniente ou a execração pública.

CONCLUSÕES PRELIMINARES

O jornalismo esportivo não é meramente entretenimento. É, antes de tudo, jornalismo. O esporte em si até pode ser entretenimento. O jornalismo que o cobre não. E isto significa que o jornalista esportivo tem que lidar com as mesmas obrigações éticas de todo profissional da área. Com toda a seriedade, com toda a busca pela verdade, com todas as preocupações sociais que a profissão exige. O jornalista esportivo, enfim, não é menos jornalista que qualquer outro.

Claro que, por lidar com emoções, tem o direito de explorar estas emoções em textos mais leves, menos formais, mais apaixonantes, enfim. O torcedor, quando a situação permitir, tem o direito de “viajar” por um texto mais carregado de sensações e sentimentos. O gol de um título, por exemplo, não pode ser “narrado” num texto burocrático e sem graça, mas de forma que reproduza toda a magia do momento. Isto é fato. E nem está sendo analisado aqui.

Ainda assim, como já foi dito, o jornalista esportivo continua sendo um jornalista. E o compromisso deste com a almejada verdade tem que ser inegociável. Quando o caso exige, quando a relevância do caso é latente, a “verdade” tem que ser exposta, apresentada, debatida. Não pode jamais ser omitida em prol de interesses de terceiros. Nem mesmo se este terceiro for o clube do coração dos torcedores de futebol de sua própria cidade.

Os estudos sobre “tribos modernas” de Michel Maffesoli e esta tentativa de relacioná-lo com o futebol dão evidências de que o torcedor não é um mero indivíduo que acompanha os jogos de seu time. Ele é bem mais do que isto. Ele é, antes de tudo, um ser coletivo, um conjunto de apaixonados, uma tribo de fãs que vibram e se emocionam em grupo. Que sofrem e lamentam pelas derrotas igualmente em grupo.

Diante deste cenário, pode-se inferir que, quando o jornalista expõem os fatos de forma imparcial, apresentando erros, falhas, problemas ou irregularidades do tal clube do coração, a “tribo torcedor”, pelo menos a sua grande maioria, tende a não gostar. E vai reagir a seu modo. Foi o que aconteceu nos dois casos analisados neste artigo. Isto, ao que parece, é inevitável, porque o torcedor em geral não está disposto a ser confrontado com realidades negativas de seu time. Muito menos nas vésperas de um jogo decisivo. Da final de um campeonato brasileiro, por exemplo. Ele vai desejar que o “segredo” seja respeitado, inclusive pelo jornalista, que por seu lado não poderá ceder.

A reação não é racional. É antes de tudo passional. E a paixão, mais do que tudo, tem o poder de potencializar as reações. O torcedor não rebate os fatos. Não questiona a seriedade da apuração. Não apresenta fatos novos que eventualmente absolvam o clube. Ele ataca. Porque para o torcedor, o jornalista da mesma cidade dele e do clube, quebra uma lei sagrada de segredo e de proteção para com sua própria tribo quando publica uma matéria entendida como negativa.

O jornalista precisa entender isso. A reação é inevitável da mesma forma que a publicação da matéria tem que ser. O profissional de jornalismo precisa saber que lida e mexe com emoções, que muitas vezes se tornam irracionais. Mas isto faz parte do jogo. Estão nas regras não escritas da relação Torcedor versus Jornalista. E apesar de toda a certeza de que haverá reações, o jornalista ainda assim não pode se omitir. Porque, além de tudo, ele tem que prestar contas a toda uma sociedade, e não apenas a uma tribo de torcedores (por maior que ele seja) sempre vigilantes ao que é publicado sobre o seu time do coração.

REFERÊNCIAS

- CORNU, Daniel. **Ética da Informação**. Trad. Laureano Pelegrin. Bauru: EDUSC, 1998.
- DAMATTA, Roberto. Antropologia do Óbvio. **Dossiê Futebol**, São Paulo, n. 22, pp. 10-17, jun. - ago. 1994.
- HELAL, Ronaldo; GASTALDO, Édison. Comunicação, Futebol e Cultura Carioca: a integração por meio de rivalidades. In: FERNANDES, Cínta Sanmartin; MAIA, João; HERSCHMAN, Micael (Orgs.). **Comunicações e Territorialidades: Rio de Janeiro em cena**. São Paulo: Anadarco Editora, 2012. pp. 149-161.
- HELAL, Ronaldo. Mitos e Verdades do Futebol (que nos ajudam a entender quem somos). **Insight Inteligência**, Rio de Janeiro, n. 52, pp. 68-81, jan. - mar. 2011
- JENNINGS, Andrew. **Jogo Sujo: o Mundo Secreto da Fifa: compra de votos e escândalo de ingressos**. Trad. Renato Marques de Oliveira. São Paulo: Panda Books, 2011.
- MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.
- SOUZA, Denaldo Alchorne de. **O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)**. São Paulo: Annablume, 2008.